

A Setúbal da I Grande Guerra foi também uma Setúbal em guerra (1917)

A cidade de Setúbal sentiu, de uma forma intensa, a entrada de Portugal na I Grande Guerra.

O governo republicano vai impulsionar a participação de Portugal nesta guerra e os opositores vão ter de se bater contra a propaganda nacionalista e militarista erigida como doutrina oficial pela I República.

Se os sindicalistas revolucionários e os anarquistas aproveitam a degradação das condições de vida para aprofundar e responsabilizar a política belicista dos republicanos, estes, por sua vez, aproveitam o alegado antipatriotismo dos dirigentes operários para aprofundar a repressão ao movimento sindical e popular.

Em Setúbal faltam bens essenciais como a farinha e o azeite. O mercado negro prospera. Há dezenas de pedidos e apelos dramáticos para o fornecimento de mais farinha, apontando situações de freguesias rurais em que não se fabrica pão há mais de quinze dias.

Quer os açambarcamentos, quer a alta especulativa de preços, quer a escassez de bens essenciais vão ser alvo de ações diretas por parte da população enfurecida, que assalta armazéns, mercearias, carvoarias e padarias. As greves, por outro lado, continuam a ser o terreno preferencial de luta face à desatualização dos salários, que a inflação ia aprofundando.

Mas a Setúbal da guerra não é só a dos salários inflacionados e a dos bens açambarcados. A Setúbal da guerra é a Setúbal das crescentes deserções e das manifestações que contestam a participação de Portugal no conflito.

As situações de deserção começam a ser frequentes a partir do mês de maio de 1917, aumentando a partir de agosto desse ano. Entre maio de 1917 e agosto de 1918 são assinaladas, pela correspondência do Administrador do Concelho, mais de 50 situações de deserção, que a intimação para «apresen-

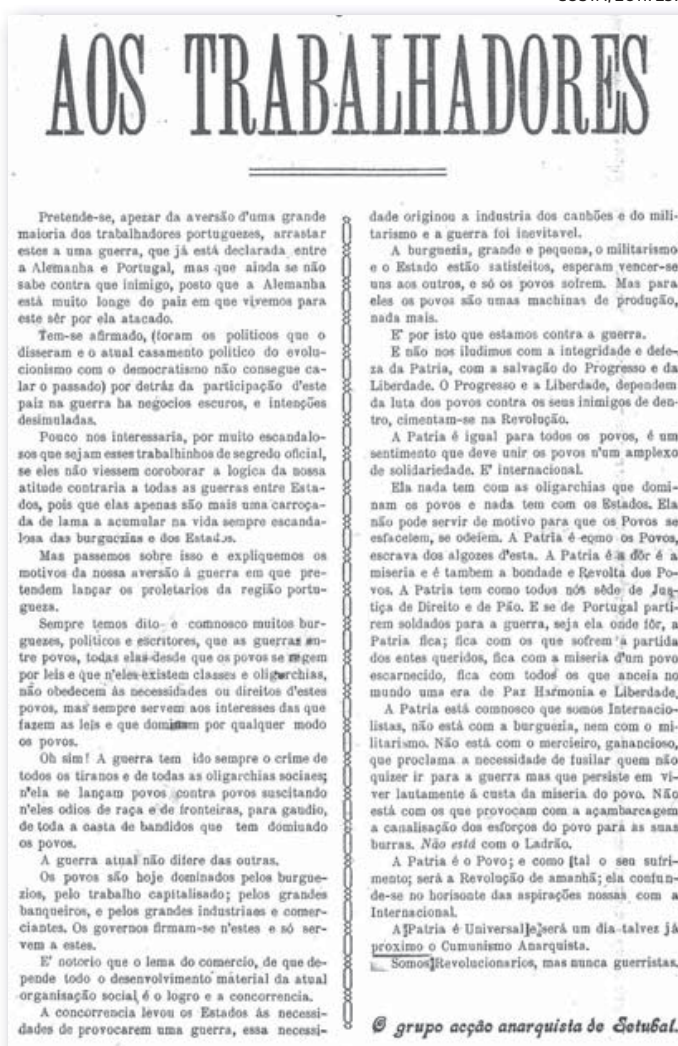
tação imediata» nos quartéis tenta neutralizar. As notificações eram dirigidas às diferentes autoridades policiais das freguesias, assumindo a fórmula de «apresentação imediata no Quartel do 11».

Contudo, a luta contra a participação de Portugal na guerra não se circunscreve às deserções que, dia a dia, aumentam. A cidade manifesta-se, rebelde-se ativamente contra aquela participação, existindo registos de várias ações antibelicistas que apontam para a inutilidade do conflito, apesar da legislação que proíbe a propaganda antiguerra.

O ano de 1916 é aquele em que encontramos uma maior militância contra esta intervenção militar portuguesa. O Administrador do Concelho informa o Governador Civil sobre esta realidade: «Na noite de 21 para 22 de março de 1916, apareceram em Infantaria 11, e noutros pontos da cidade, uns impressos de natureza contrária à intervenção na guerra, pelo que ordenei à polícia a apreensão dos mesmos e uma investigação de forma a apurar, quanto antes, as respetivas responsabilidades».

O ciclo da guerra é marcado por um agravamento dos conflitos sociais. A paisagem social da cidade, neste período, é habitada por greves violentíssimas; por ações de *lock-out*; pelos já referidos assaltos a armazéns, mercearias e padarias; por atos de sabotagem perpetrados contra várias fábricas de conserva; por atentados à bomba; por várias ações com utilização de armas de fogo contra as forças policiais; por assaltos aos transportes de conservas destinadas à exportação, enfim, pela elevada conflituosidade de uma

COSTA, 2011: 257



Panfleto antiguerra do Grupo Anarquista de Setúbal

cidade inquieta, que sofre no seu tecido social os efeitos do conflito.

Por isso, tenho afirmado que a Setúbal da Grande Guerra foi também uma Setúbal em guerra. Uma guerra social de alta intensidade, que marcou, profundamente, o tecido económico e social da cidade sadina. **[AAC]**

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Quando foi da nossa participação na guerra, dizia-se que d'ahi nos adviriam extraordinarias vantagens, a menor das quaes seria o reconhecimento dos alliados pelos serviços que lhes possessemos prestar. Sempre tivemos a tal respeito as nossas duvidas, por isso que a Historia nos ensina que a gratidão dos dirigentes politicos dos grandes povos, em face dos auxilios que lhes prestam os pequenos, nunca vae mais longe de uma amavel indiferença. As ficções de casa bastam para confirmar o facto. Ainda não acabou a Conferencia da Paz, por isso não sabemos o que nos virá d'alli. Comtudo já recebemos o aviso de que a Hespanha vae ser beneficiada pelos *nossos amigos* com o estabelecimento de uma linha ferrea directa entre Dax, a poucos kilometros da fronteira, no sul da França, e Algeciras, que é o mesmo que se dissessemos... a dois passos de Gibraltar. Esta linha atravessando o paiz visinho, propõe-se servir o grande caminho de ferro que encurta as distancias entre Londres e o Cabo da Boa Esperança, achando-se quasi concluida. Mas ainda não se sabe o qual é o de uma linha directissima de Vigo a Hendaya. Neste intervém os americanos, por igual *nossos amigos* tambem. Propõem-se elles desenvolver o porto de Vigo, construindo docas, armazens, todos os meios necessarios para fazer d'aquella terra hespanhola um grande centro commercial, encurtando a viagem de New-York a Paris 24 horas e dando á America uma entrada commercial na Europa. São dois golpes mortaes na economia portugueza. Bem sabemos que o capital não tem patria nem cultiva amizades: vae para onde o chamam os interesses. Em todo o caso vamos registando estes primeiros fructos... dos sacrificios que fizemos pela causa da Liberdade, da Civilização e mais cantatas...

Editorial d'O Setubalense contra a guerra, 13/3/1919